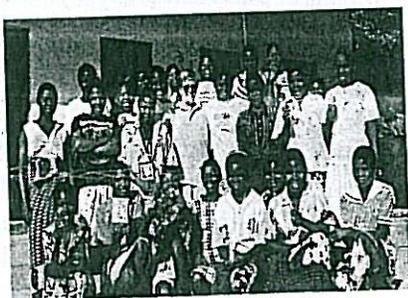


Lar de Mecubúri (Morambiquê)

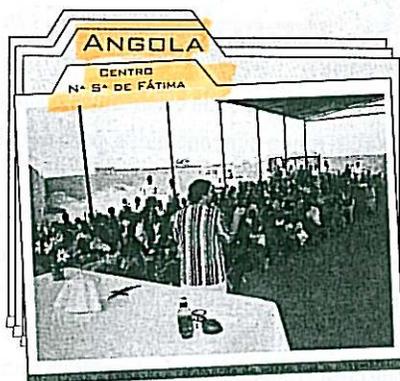
A educação das meninas do Lar tem sido a nossa ocupação, preocupação e alegria. O aproveitamento delas é bom, porque estando no Lar, encontram condições mínimas: têm ajuda e acompanhamento das Irmãs, tentando ultrapassar a mentalidade de que a "mulher foi feita só para ter filhos e cultivar machambas (campos)". Esta ideia faz com que muitas meninas nem se cheguem a matricular na escola.



As pessoas estão a despertar e querem mandar as filhas à escola, mas dizem que devem viver no Lar das Irmãs. É gente muito pobre, chegam sem vestuário, sem nada mesmo, apenas com um bocadinho de alimentação numa capulana (pano) à cabeça. Os pais dedicam-se apenas à agricultura de subsistência, com os meios mais rudimentares.

São impressionantes estas situações, sente-se que há um querer, mas os meios e as condições não permitem. Este ano, como o número de meninas aumentou, passámos para novas instalações. Agradecemos a todas as pessoas que nos têm ajudado com as suas ofertas em dinheiro ou material. Amigos, benfeitores e familiares de Irmãs, a todos, o nosso *Noxukhru* (Obrigado)!

IR. LÚCIA G. FILIPE



Não nos é fácil falar da nossa missão aqui, o imenso que fica por fazer ofusca o pouco, muito pouco, que se vai fazendo. É a tendência de olhar para o que falta na grande bilha, esquecendo de agradecer o que há no copo. Mas, de facto, as necessidades são tantas que nos sentimos impotentes; por outro lado, a colaboração e o desejo de crescer deste povo são um estímulo constante à nossa fé e confiança, ao jeito de Luiza Andaluz.

Trabalhamos num dos oito centros de uma das Paróquias de Luanda. Não é uma Paróquia muito extensa, mas muitíssimo densa. Claro que não temos números, numa situação como a que se vive aqui as estatísticas não são possíveis, muitas pessoas não estão registadas, especialmente as crianças. Numa casa com uma ou duas divisões vivem 3 ou 4 famílias, nada comparadas com as europeias quanto ao número de filhos, cada uma tem 10, 12 filhos, e a mobilidade é grande, as pessoas têm que andar atrás da sobrevivência.

Este centro onde trabalhamos, **centro de Nossa Senhora de Fátima**, começou a existir há cerca de 2 anos e meio e tem sido com o esforço da população, deslocada da guerra, e com a ajuda de algumas pessoas generosas, que se tem construído o pouco que já temos. Temos um espaço cober-